

O “Sinaleiro”

(uma noite de Setembro de 1966)

- Tens onde ficar? perguntou-me o Zé Tó, já devíamos estar perto das 2 da manhã. O “Inferno” acalmara. No piso inferior, havia três grupos na cavaqueira. O dos professores primários, um grupo de amigos e familiares dos donos da casa e o dos estudantes universitários. Eu deambulava entre eles. Tinha vindo com o capitão Aventino Teixeira, que encontrara na Zaira ao fim da tarde e com quem combinara ir à noite à Azenha. Tema da conversa: a Faculdade de Direito de Lisboa, onde ambos acabáramos de entrar. Como aluno voluntário, o Aventino queria saber se eu já tomara contacto com os programas e adquirira sebatas e códigos. Estávamos em Setembro. Dentro de pouco tempo a minha vida sofreria uma grande mudança.

O Aventino tinha relações familiares com o Luis Barreto, o proprietário daquele espaço, uma velha azenha do século XVIII, desactivada em 1945 e recuperada em 1964, funcionando desde o ano seguinte como clube particular aberto a “amigos e amigos dos amigos”.

No grupo dos professores todos me eram familiares, a começar pela Branquinha, que residia em casa dos meus Pais, no Carvalhal Benfeito, a Melita e o Tó. Com eles estava também Alice Pimentel, Joca Sales, e o irmão deste, Zé Maria, pintor e escultor. O Ferreira da Silva dançava sozinho no espaço central, em terra batida. Era uma figura impressionante, com a boina preta por baixo da qual despontavam madeixas rebeldes, e uma camisa de quadrados com as mangas enroladas. A certa altura parou e desafiou Alice para cantar, mas não havia ninguém com guitarra. No outro grupo estavam antigos alunos

do Externato Ramalho Ortigão, que tinham feito o 7º ano em anos anteriores e estavam em Coimbra ou Lisboa, na Universidade. O Zé Tó estava com eles.

- Desta vez fico nas Caldas – respondi. Vais sair agora? Tens lugar para mim no carro?

Nas férias, ficava muitas vezes em casa do Zé Tó, na Quinta de S. José, em Óbidos. Tínhamos frequentado juntos o 7º ano da alínea e), do Direito, os únicos a fazê-lo no Colégio nesse ano, e na circunstância tornámo-nos amigos. Mas o Zé Tó necessitava de repetir uma cadeira para completar a alínea f), se quisesse ingressar em Agronomia. Eu sabia que ele estava ocupado a estudar para os exames e não quisera desafiá-lo a sair naquela noite.

- Levo-te. Onde dormes?

- Em casa do Dr. Leonel Cardoso. O Néné emprestou-me a chave.

O Zé Tó, um pouco mais velho do que eu, tinha carta e conduzia um velho Woseley que fora do avô.

Despedi-me dos professores e do Ferreira da Silva. Acenei ao Aventino e ao Luis Barreto. Subi as escadas com o Zé Tó. Os outros membros do grupo dos antigos alunos já tinham saído. No piso de cima, havia um grupo a comer pão e chouriço. Ouviam-se vozes no exterior.

- Quanto vais deixar? – perguntei. Na Azenha, cada um pagava o que lhe parecia adequado ao consumo que fizera. Eu tinha bebido uma aguardente e o Zé Tó um copo de vinho.

- Podemos deixar uma nota de 20 escudos – sugeriu ele. Introduziu a mão no porco sem fundo concebido pelo Ferreira da Silva e onde cada um depositava o que achava justo, enquanto eu reunia os 10 escudos da minha parte para lhe entregar.

Dirigimo-nos para o carro, passando pelos rapazes que continuavam a conversa cá fora, quando dois deles pediram para vir connosco. Era o João Mário Anjos, que terminara o 7º no ano anterior e entrara em Coimbra, e o João Branco Lisboa, que estava a terminar

Farmácia em Lisboa. O João Mário contava histórias delirantes sobre a vida académica em Coimbra. Na sua voz grave, os episódios narrados tinham uma graça irresistível.

- Onde é que os deixo? perguntou o Zé Tó. Todos declararam que iam levar o caloiro (eu) a casa.

A Casa do Dr. Leonel Cardoso era um 1º andar da Rua das Montras, para o qual se entrava pela mesma porta que dava acesso à Tertúlia Artes e Letras. O Zé Tó saiu da Quinta de Santo António e apanhou a estrada de Tornada, seguiu depois para o interior da cidade, parando na Rua das Montras, junto ao Turita. Saímos. O João Mário continuava entusiasmado com as lembranças de Coimbra. Toda a gente se ria.

Vindo da praça, pelo meio da rua, aproximaram-se dois outros retardatários. Um deles era o Nené.

- Encontrei o Luis, meu amigo de Lisboa, que está a passar férias nas Caldas, Tem uma garrafa de whisky para a malta beber. Mas para onde havemos de ir? O meu avô a esta hora já está a dormir. É muito surdo, mas não quero correr o risco de o acordar.

Entreolhamo-nos com desolação. Tínhamos uma garrafa, ainda por cima de whisky, mas não sabíamos que fazer com ela. Poderíamos ficar sentados no passeio - àquela hora não passava ninguém - mas não tínhamos copos.

Foi então que o João Branco Lisboa se adiantou para dizer:

- Eu resolvo. Vamos à farmácia.

Trotámos animados até à Farmácia do João, um pouco mais adiante. Passamos para lá do balcão, entrámos na área reservada. Havia uma mesa de pedra escura, com embalagens de cortiça e uma balança. O João trouxe os copos improvisados. Toda a gente celebrou a primeira vez que bebia whisky por tubos de ensaio.

Quando a garrafa acabou e saímos para a rua, a cidade, definitivamente dormecida, estava à nossa mercê. A euforia tornara-nos mais afoitos. Talvez afinal pudéssemos ousar mais do

que até então. Quem nos iria impedir? O João Mário correu à frente. Seguimo-lo, sem perguntas. Uma certa urgência tomara conta de nós.

No fim da Rua das Montras, encostado aos Armazéns de Vinho do Dr. Julio Lopes, jazia, inútil, o tamborete do polícia sinaleiro. O João Mário arrastou-o para o centro do cruzamento e subiu para o estrado. Deu um assobiu estridente. Rapidamente, distribuimo-nos pelas restantes ruas: a Heróis da Grande Guerra e a Miguel Bombarda. Apitávamos ruidosamente à aproximação do cruzamento. O sinaleiro fazia “alto” com uma mão e acenava com a outra. O Nené, conduzindo um carro dos Bombeiros, exigia prioridade. Luis, o forasteiro, pretendeu discutir as regras e foi mandado de castigo para o fim da fila. A minha carrinha Volkswagen tinha o pisca pisco da direita fundido. O Zé Tó queria mudar de direcção, sempre que se aproximava do centro da rotunda improvisada. O sinaleiro lembrava-se de uma nova história e mandava parar o trânsito para que o pudéssemos ouvir. O Manuel Gil, vindo de um ensaio tardio no CCC, entrou na operação para corrigir a postura do sinaleiro. Juntaram-se mais dois carros vindos ninguém sabia de onde, conduzidos pelo João Morais e pelo jornalista F. Marques Pereira. Andavam em zigue-zague e o do jornalista ia-se abaixo sempre que travava e só pegava de empurrão. Eram 4 da manhã. A cidade continuaria ainda por mais algum tempo adormecida. Por momentos, tínhamos estado no seu posto de comando.

João B. Serra